



A Educação é assunto do **Coração**

Proposta Educativa da Escola Salesiana





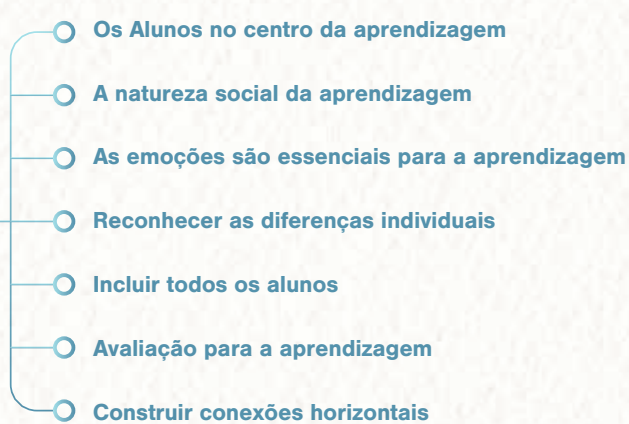
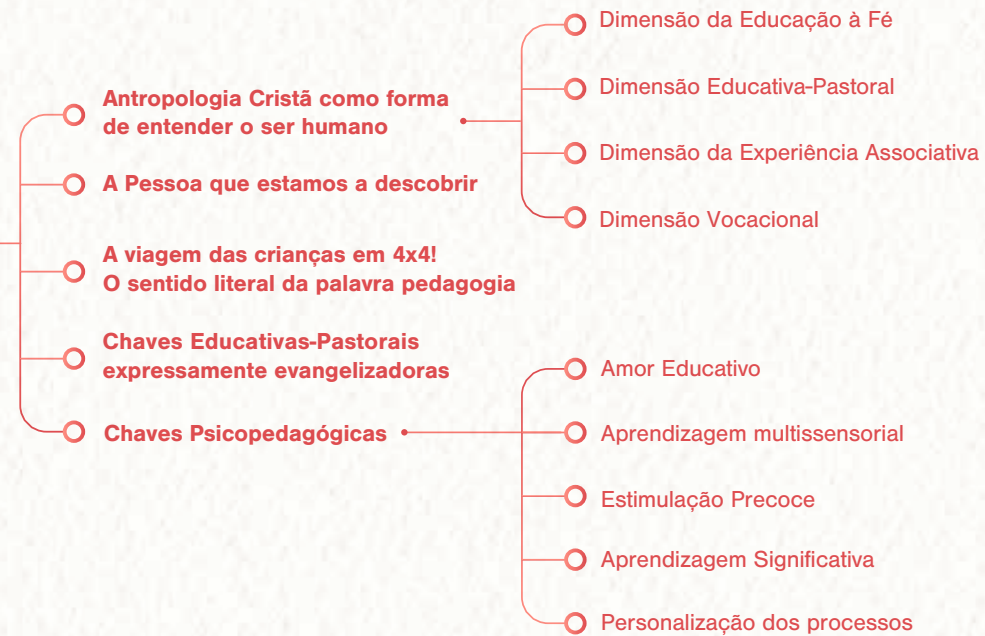
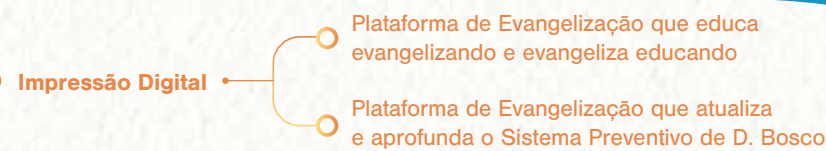
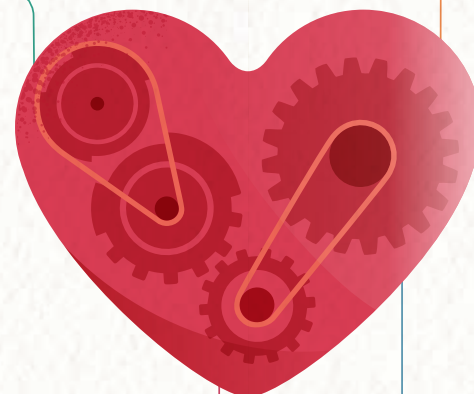
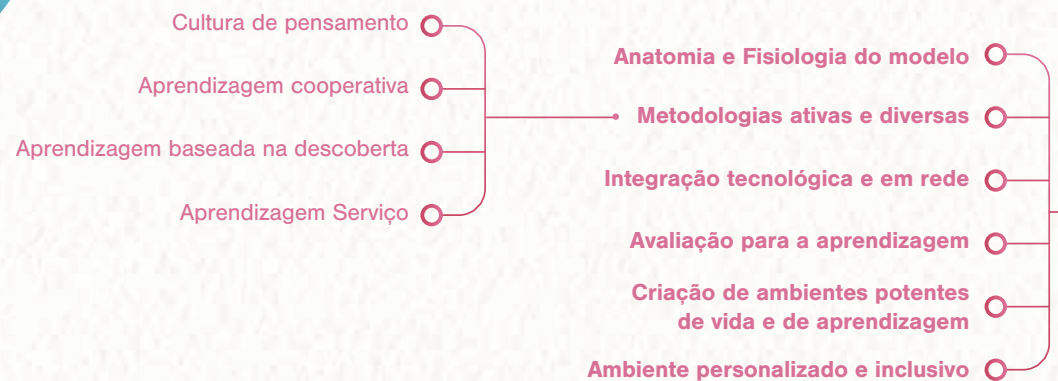
A Educação é assunto do Coração

Proposta Educativa da Escola Salesiana



A Educação é assunto do Coração

Proposta Educativa da Escola Salesiana



1. Pátio

A Proposta Educativa da Escola Salesiana pretende ser um documento orientador, de pensamento pastoral convergente, que inspire as Escolas Salesianas a serem capazes de se sintonizar plenamente com os adolescentes e os jovens de hoje e com o seu mundo, para os educar e evangelizar, prepará-los para a vida e acompanhá-los para o encontro com o Senhor. “Eles precisam de nós e esperam-nos, especialmente os mais pobres e necessitados, os excluídos e os descartados, os mais frágeis e os privados dos direitos fundamentais.”

O mundo sempre mais complexo e a experimentar mudanças velozes configura-se como um tabuleiro de incertezas, de indefinições e de complexidade, que nos fazem parar o relógio e suspender o tempo. Mas não se vislumbra a menor pausa nas proporções e ritmo das mudanças que nos transportam para distintos futuros.

A resposta da educação a essas circunstâncias será um elemento singular e enérgico na hora de moldar o futuro.

A Proposta Educativa da Escola Salesiana projeta nestas páginas o referencial educativo salesiano, situando a educação numa gramática que vai para além da escolar, a **gramática** do coração, constituindo-se assim uma resposta capaz de proporcionar ao jovem aquilo que é próprio da sua natureza, “sonhar coisas grandes, buscar horizontes amplos, ousar mais, ter vontade de conquistar o mundo, ser capaz de aceitar propostas desafiadoras e desejar contribuir com o melhor de si mesmo para construir algo.”, como destaca o Papa Francisco na Exortação Apostólica *Christus vivit* §15. Para além do referencial educativo salesiano revisitado, propomos também um conjunto de chaves educativas e pastorais prioritárias, interpelações para a ação evangelizadora das nossas escolas.

Ao ancorarmos esta Proposta no aforismo inspirador de D. Bosco, a educação é assunto do coração, não só pretendemos ilustrar o seu Sistema Preventivo, como também explorar um conjunto de opções concretas, baseadas em evidências científicas, quer ao nível pedagógico, didático, metodológico, quer formativo e pastoral, consistentes e estratégicas, que fazem da Escola Salesiana uma escola com caráter próprio e diferenciadora. Estas opções desejam rasgar horizontes, na esteira da inovação pedagógica e da integração tecnológica, e a sua finalidade é posicionar a Escola Salesiana no mundo global, com o intuito de formar os nossos alunos cidadãos de esperança alegre, responsáveis nos deveres da cada dia e santos – patamar excelso da síntese de educar e evangelizar.

Mas, mais do que apresentar um quadro de teorias, metodologias e estratégias, que não constituem um fim em si mesmo, este documento quer sublinhar que o foco da nossa ação educativa se situa, essencial e carismaticamente, em aspetos humanísticos, na pessoa integral, mais do que em aspetos técnicos e/ou tecnológicos.

Oxalá que a Proposta Educativa da Escola Salesiana, também mediante o seu valor figurativo, possa ser esse elemento energizante e inspirador para as nossas escolas, na hora de moldarmos o futuro dos jovens com quem trabalhamos, para se constituírem, nos distintos futuros, **“honestos cidadãos e bons cristãos”**.

2. A Escola Salesiana – Impressão Digital

2.1. Plataforma de evangelização que educa evangelizando e evangeliza educando

A Escola Salesiana é uma escola baseada na visão cristã da pessoa, da vida e do mundo, com um **projeto educativo-pastoral** que se abre à **transcendência** e à aceitação da **mensagem do Evangelho**, a partir das chaves essenciais da sua Proposta Educativa: casa que acolhe, paróquia que evangeliza, escola que forma para a vida e pátio para se encontrarem como amigos e viverem em alegria. Uma escola que atualiza e aprofunda o **Sistema Preventivo de D. Bosco**: acolhimento incondicional, espírito de família, presença educativa, razão-religião-amor, alegria... cuja **missão** é transformar o ambiente onde se insere. No desempenho da nossa missão, hoje, a experiência de Valdocco continua a ser critério permanente de discernimento e de renovação de toda a obra e atividade. (*§40. Constituições Salesianas. Oratório de Dom. Bosco, critério permanente*)



Projeto educativo-pastoral

- Ambiente onde o Evangelho ilumina a cultura e se dá uma eficaz integração do processo educativo e o processo evangelizador.

- Tem como missão evangelizar e ser sinal da presença de Deus em todas as dimensões do Ser Humano.

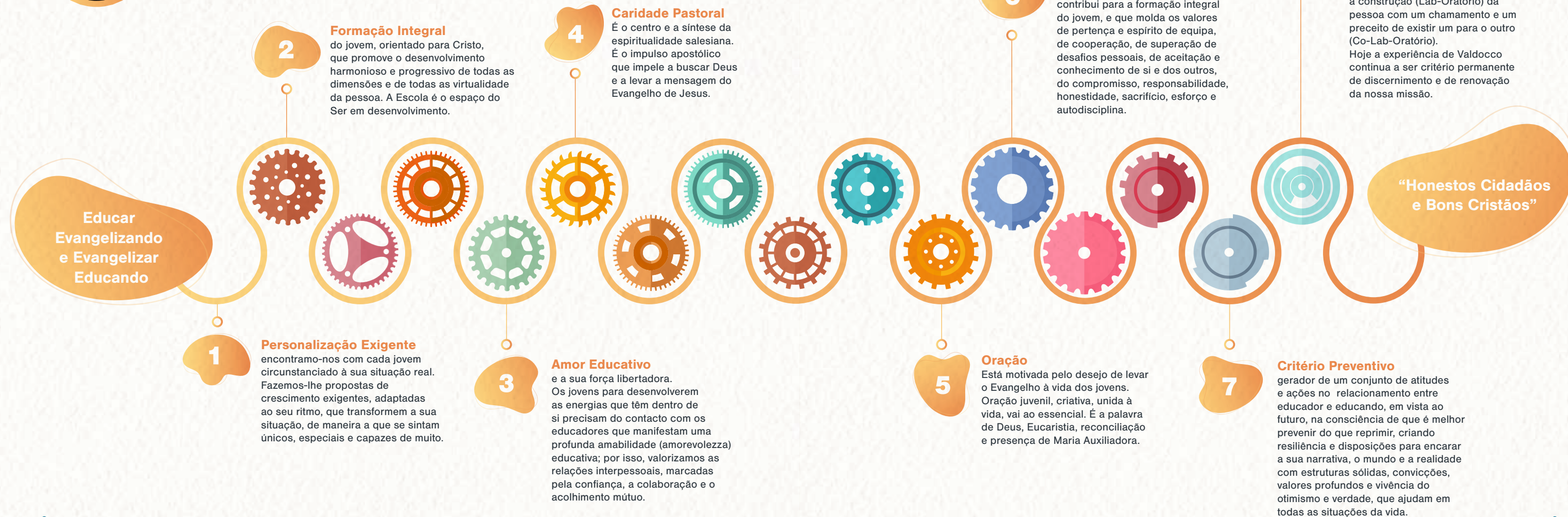
Sistema Preventivo de D. Bosco como experiência educativa

- Favorece o encontro espontâneo, informal e expressivo com o outro;
- Promove a capacidade de criar relações de acolhimento, familiaridade, afeto e confiança;
- Constrói uma comunidade que evangeliza e educa na fé para o desenvolvimento do sentido de transcendência;
- Promove a construção do conhecimento a partir do diálogo de saberes e a integração da cultura tecnológica, como um ecossistema;
- Ajuda os jovens a prepararem-se com dignidade para a vida, para serem “Honestos cidadãos e bons cristãos”

2.2. Plataforma de evangelização que atualiza e aprofunda o sistema preventivo de D. Bosco



Sistema Preventivo de D. Bosco como Pedagogia e Espiritualidade





3. O Projeto Educativo-Pastoral

O Projeto Educativo-Pastoral (PEPS) é a proposta que a Escola Salesiana oferece aos desafios da sociedade e da juventude. O PEPS atualiza a Missão Salesiana num tempo e espaços concretos. Por isso, é uma ferramenta de análise e programação pastoral.

Apresentamos, em primeiro lugar, os elementos essenciais que o definem.

3.1. Antropologia cristã como forma de entender o ser humano

A nossa visão educativa-pastoral inspira-se no Evangelho e na pessoa de Jesus Cristo. A nossa solicitude pelos jovens bebe da mesma caridade pastoral do Bom Pastor, que os chama pelo nome, os apascenta, os protege dos perigos e dá a vida por eles. *(in Quadro de Referência da Pastoral Juvenil Salesiana, Dicastério da Pastoral Juvenil Salesiana, pág. 78. 3.ª ed. 2014. Roma).*

Convencidos do carácter sagrado de toda a pessoa e da sua dignidade radical como Filhos de Deus, a nossa ação educativa é uma ação “salvadora”, na medida que atende à integridade da pessoa, procurando o seu desenvolvimento em todas as dimensões próprias do Homem. Neste sentido, o Evangelho implica uma visão antropológica que descreveríamos através de **quatro dimensões** inerentes ao nosso Projeto Educativo-Pastoral:

1

Dimensão da Educação à Fé:

Evangelizar os jovens é a primeira e fundamental finalidade da nossa missão, através do desenvolvimento da dimensão religiosa, aprofundando a fé, da participação da liturgia e na celebração, e mediante itinerários de interiorização e propostas de serviço e trabalho apostólico.

2

Dimensão Educativa-Cultural:

está intimamente relacionada com a dimensão da educação à fé. A educação requer que, partindo da situação concreta dos jovens, se elaborem estratégias que os guiem para o amadurecimento integral e identidade forte, num mundo afetivo e emotivo, promovendo uma cultura que se inspira no humanismo cristão e trabalhando a promoção humana e a competência humanista e profissional.

3

Dimensão Experiência Associativa:

valorizando o grupo como presença educativa, constrói-se um ambiente de família, dando protagonismo a todos os jovens, educando com o coração e o estilo de animação.

4

Dimensão Vocacional:

as três primeiras dimensões convergem na dimensão vocacional, horizonte último da nossa pastoral, acompanhando os jovens na formulação do projeto de vida pessoal, criando comunidades de crentes, onde seja visível e crível a experiência de fé.

3.2. A Pessoa que estamos a descobrir

A formação integral dos alunos

A pedagogia Salesiana, inspirada no Sistema Preventivo de S. João Bosco, parte da pessoa e das suas emoções, para a dispor para a aprendizagem, para a projetar para a consciência do ambiente que a rodeia e para a capacitar para entender a sociedade, com o objetivo de se converter num agente de transformação permanente. Partimos da convicção de que “em todo o jovem há algo de bem e o nosso primeiro dever como educadores é descobrir este ponto, esta corda sensível do coração e tirar o proveito disso” (D. Bosco). É a gramática do coração que, paradigmaticamente, promove o desenvolvimento integral, a pessoa emocional e intelectual, colocando em especial atenção a vida em plenitude e respeitando a condição evolutiva do jovem. Aliás, corroboramos a afirmação do Papa Francisco ao sublinhar que *uma das maiores alegrias dum educador é ver um aluno constituir-se como uma pessoa forte, integrada, protagonista e capaz de se doar. (Christus vivit, §221).*



Quadro de Referência da Pastoral Juvenil Salesiana, Dicastério da Pastoral Juvenil Salesiana. págs. 140-154. 3.ª edição. 2014. Roma.

Partindo desta visão integral do ser humano e à luz das **quatro dimensões**, inerentes ao nosso Projeto Educativo-Pastoral, apontamos um conjunto de características que definem **Pessoa que queremos descobrir**, para que possa viver em plenitude.

Alegre

Capaz de sair de si mesmo e ir ao encontro dos outros, com alegria e entusiasmo, uma alegria que implica uma tomada de consciência clara e justa, para procurar fazer sempre e melhor para os outros e para nós mesmos.

Autónoma

Capaz de organizar a sua aprendizagem, avaliar o processo e buscar o suporte necessário para superar as dificuldades, através do uso consciente de estratégias de aprendizagem idóneas e a reflexão crítica sobre o próprio processo, construindo-se assim como uma pessoa perseverante e motivada para aprender ao longo da vida.

Colaboradora

Capaz de cooperar e trabalhar em equipa aplicando as competências sociais, as ferramentas de gestão de conflitos e de negociação, assim como gerir a mudança e valorizar a participação do outro, para se converter numa pessoa tolerante e segura de si mesma.

Comprometida

Capaz de atuar com critérios de justiça e solidariedade, segundo os princípios e valores do Evangelho, e mediante o conhecimento da dinâmica histórica para se converter numa pessoa comprometida com os outros e disponível para trabalhar de maneira empática, assertiva e construtiva para a melhoria da sociedade.

Comunicativa

Capaz de comunicar de forma verbal e visual em situações diversas e plurilingues, fazendo uso de todas as possibilidades pragmáticas, discursivas e iconográficas, com a finalidade de adaptar a sua comunicação aos requisitos do contexto de maneira efetiva e socialmente positiva, sempre apreciando a diversidade cultural.

Criativa

Capaz de compreender, desfrutar e avaliar criticamente manifestações culturais e artísticas e de produzir com a diversidade de materiais, suportes e ferramentas, de maneira individual ou coletiva, representações divergentes para enriquecer a expressão de ideias e sentimentos.

Crítica

Capaz de pesquisar, obter, selecionar e tratar a informação para a transformar em conhecimento, apreciar e acrescentar valor a diferentes tipos de produtos e representações, participar em redes colaborativas com uma atitude reflexiva.

Digital

Capaz de aprender o domínio de ferramentas que transformam o mundo, consciente do bom uso da potencialidade do mundo digital, para desenvolver a sua capacidade empreendedora.

Ecológica

Capaz de se conectar ao mundo e encontrar outros modos de compreender a economia, a política, o crescimento e o progresso, na salvaguarda da nossa “Casa Comum”.

Empreendedora

Capaz de transformar as ideias em objetivos e planos de ação, mediante a compreensão do funcionamento da nossa sociedade, da identificação dos pontos fortes e fracos, da análise das oportunidades e do desenvolvimento de competências de planificação, organização, liderança, negociação e trabalho em equipa, com o objetivo de empreender a mudança social.

Engenhosa

Capaz de observar e fazer experiências com os elementos naturais e humanos e de compreender as mudanças causadas pela atividade humana, através do rigor da metodologia científica e do uso de ferramentas e processos tecnológicos para poder tomar decisões responsáveis.

Flexível

Capaz de se aceitar a si própria e aos outros, adaptar-se a diferentes contextos, gerir emoções para desenvolver a sua autoestima e chegar a ser uma pessoa equilibrada, flexível e feliz, preparada para desenvolver ao máximo o seu talento pessoal e potenciar com os outros relações plenas e ajustadas.

Global e com vários Idiomas

Capaz de se relacionar e de entender a diversidade de pontos de vista, as culturas diferentes ou os contextos complexos, comunicando em várias línguas.

Multicultural

Capaz de se posicionar na perspetiva de outras culturas, costumes, formas de expressão e de relacionamento..



Participativa

Capaz de experimentar a vida em comunidade, que será a rede de relações que se estabelecem ao longo da vida, integrando a realidade complexa e evoluindo com ela, com boa capacidade de comunicação, disponível para entender a diversidade de pontos de vista, culturas diferentes ou contextos complexos.

Personalizada

Capaz de ser protagonista e responsável pelo seu processo educativo e formativo, aproveitando estratégias reflexivas que favoreçam espaços de vivência interior, que ajudem a construir o hábito de pensar quem sou, “para quem sou”, para onde vou e para quê.

Produtiva

Capaz de aprender para a vida e pô-la ao serviço dos outros, de dar resposta a mudanças imprevistas, tendo em conta os próprios talentos, adaptando-os aos desafios e contribuindo para o crescimento do conhecimento.

Responsável

Capaz de participar de maneira eficaz e construtiva na vida social e profissional, através da compreensão das normas de convivência social e dos contextos laborais assim como dos conceitos básicos relativos ao indivíduo, grupo, organização do trabalho, igualdade, dimensões multiculturais e socioeconómicas e da identidade cultural, para gerar uma participação comprometida e coerente.

Resolutiva

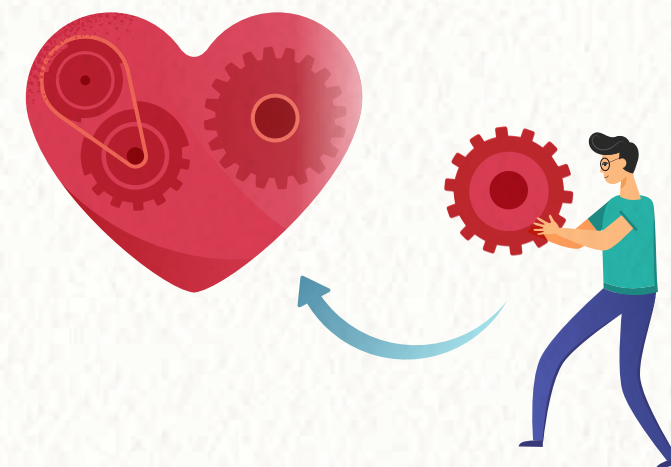
Capaz de resolver, argumentar e discutir situações e problemas quotidianos, sendo fiel à verdade e procurando certificar a sua validade, baseando-se em vários métodos de representação e de pensamento.

Solidária

Capaz de criar uma mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade de vida de todos sobre a apropriação dos bens, que guiada pela fé nos permite traduzir o amor de Deus para tecer comunidades e apoiar processos de crescimento verdadeiramente humanos e sólidos.

Transcendente

Capaz de se perguntar sobre o sentido da vida mediante a educação da interioridade, a descoberta dos valores do Evangelho e da integração da dimensão espiritual para construir, assim, um projeto de vida com critérios de bondade e plenitude.



3.3. A viagem das crianças em 4x4! O sentido literal da palavra pedagogia

Definida a meta da nossa ação Educativa-Pastoral, comecemos a viagem!

Preparar os nossos alunos para o trabalho, a cidadania e vida, constitui um enorme desafio. Perguntamo-nos que competências fundamentais precisam de desenvolver e dominar hoje as pessoas de amanhã? Com que capacidades os jovens precisam contar para enfrentar os desafios inesperados e inconstantes que enfrentarão no futuro?

É com “tração” que queremos iniciar cada viagem com cada aluno. Por isso, e com tração às 4x4, propomos que **“as 4 dimensões antropológicas”**, inerentes ao nosso Projeto Educativo-Pastoral, se pensem e se estruturem em função dos **“4 pilares da educação”**, **Aprender a Ser, Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer e a Aprender a Viver Juntos**. (In Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o séc. XXI. 1996. Jacques Delors)

Cada dimensão antropológica projeta-se nos “pilares da educação”, assumindo estes a razão operativa da nossa ação educativa, ao constituírem-se indicadores de realização das nossas planificações e projetos, para que o nosso Projeto Educativo, consequentemente, dê corpo e visibilidade.



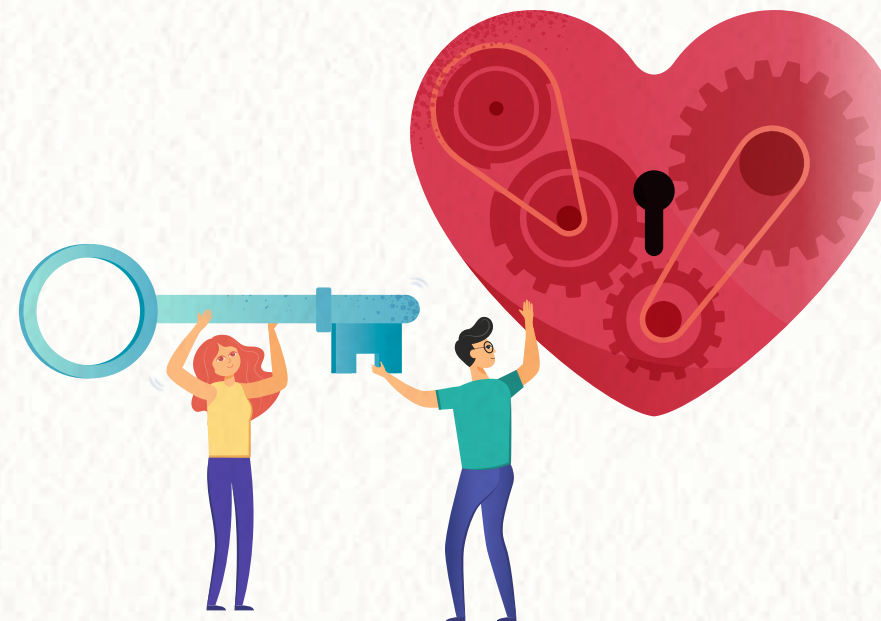
3.4. Chaves educativas-pastorais expressamente evangelizadoras

Que chaves são estas?

Recorrer ao simbolismo da chave é tornar a nossa Proposta Educativa coerente. O simbolismo da chave está, com toda a evidência, relacionado como o seu duplo papel de abertura e fecho. O poder das chaves é aquele que permite ligar e desligar, abrir ou fechar o coração/educação. Queremos que a chave seja aqui o símbolo do mistério a penetrar, do enigma a resolver, da ação a empreender, das **etapas que conduzem à iluminação** e à construção dos Projetos Educativo-Pastorais de cada escola Salesiana.

O material de que são feitas estas chaves é de **grande significado evangélico**. Aliás, o Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Christus vivit*, §222, faz referência a um conjunto de “critérios inspiradores” em ordem a uma renovação e relançamento das escolas e universidades “em saída” missionária, *tais como a experiência do querigma, o diálogo a todos os níveis, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, a promoção da cultura do encontro, a necessidade urgente de “criar rede” e a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e abandona; e também a capacidade de integrar os saberes da cabeça, do coração e das mãos*.

A conceção integral da educação incorpora todas as dimensões do ser humano, que encontram em Jesus Cristo a sua plenitude: **espiritual; ética; cognitiva; afetiva/emocional; comunicativa; estética, corporal; sócio-política**.



À medida que vamos avançando nesta viagem pedagógica, sentimos o pulsar do coração a bater cada vez com maior intensidade. Quantas vezes procuramos descobrir a melhor forma de sentir essa batida do coração, forte e ritmada, e associá-la à intensidade do momento?!

Pois bem, o que faz pulsar e ritmar este coração são as suas raízes que transportam uma seiva profunda. Enraizados no Evangelho, podemos educar na profundidade. Seguir Jesus dá resposta a muitas das grandes questões da vida. E queremos seguir oferecendo-O!

Esta é a realidade essencial da Identidade da Escola Salesiana: **educar evangelizando e evangelizar educando**. A ação pastoral da escola é o coração da escola como centro evangelizador, cuja pedagogia é a de Jesus como Mestre.

- **Que se aproxima existencialmente do outro;**
- **Que sabe adaptar-se aos processos pessoais;**
- **Que reconhece e valoriza a riqueza e a experiência dos outros;**
- **Que manifesta uma atitude de escuta;**
- **Que instrui;**
- **Que educa na liberdade responsável;**
- **Que acompanha na definição do projeto existencial;**
- **Que em cada comunidade descobre e desfruta da multiplicidade e diversidade dos talentos e carismas pessoais;**
- **Que ensina iluminando com a Palavra e o testemunho de Vida;**

Nos tempos que correm, a pastoral juvenil tem vindo a ser “abalroada pelas mudanças sociais e culturais (...) Embora nem sempre seja fácil abordar os jovens, estamos a crescer em dois aspetos: a consciência de que é toda a comunidade que os evangeliza e a urgência de que os jovens sejam mais protagonistas nas propostas pastorais”. Quem faz este diagnóstico é o Papa Francisco na Exortação Apostólica *Christus vivit*, §202. Aliás, nos parágrafos 203 e 204, assinala que os “próprios jovens são agentes da pastoral juvenil, acompanhados e orientados mas livres para encontrar caminhos sempre novos, com criatividade e ousadia.” (...) “Fazem-nos ver a necessidade de assumir novos estilos e estratégias. (...) A pastoral juvenil precisa de adquirir outra flexibilidade.”

Na esteira do Papa Francisco, queremos renovar este compromisso educativo-pastoral, uma vez que na Escola Salesiana o **processo de evangelização não está desconnectado do processo pedagógico**. O nosso aluno está no centro da nossa ação evangelizadora da mesma forma que está no centro da aprendizagem, pois a ação evangelizadora tem uma intrínseca dimensão educativa e o agir educativo está objetivamente orientado para o Evangelho, numa educação segundo a fé.

Um **currículo evangelizador** é preparar uma comunidade capaz de anunciar e desenvolver de forma orgânica e sistemática, as atitudes e competências reveladoras dos valores propostos por Jesus, a partir das várias dimensões e ambientes (Projeto Educativo, Regulamentos, convívios, aprendizagens, planificações e programações, didáticas e metodologias, experiências, etc.)

Na tradição salesiana, as pessoas, o tempo, o espaço, as relações, o ensino, o estudo, o trabalho e todas as atividades são realizadas num clima de serenidade, alegria e empenho: este é o **ambiente educativo**, uma atmosfera

de confiança, compreensão e familiaridade onde o diálogo e a apropriação de valores podem crescer. Por esta razão, a qualidade das relações educativas entre educadores e alunos baseia-se na reacionalidade das exigências, na apreciação da vida quotidiana e no acompanhamento educativo. Para além da atenção aos deveres de estudo, investigação e trabalho, de um ponto de vista educativo, é importante assegurar o respeito e o cuidado pelos recursos utilizados nos processos de ensino e aprendizagem, bem como pelas instalações e espaços em vida escolar, como expressão de co-responsabilidade e pertença.

Destacamos estas opções educativas-pastorais, para inspirar a ação educativa da Escola Salesiana e a programação dessa mesma ação, plasmando-as no Projeto Educativo-Pastoral da Escola e integrando-as no desenvolvimento curricular.

“educar
evangelizando
e evangelizar
educando”





3.5. Chaves Psicopedagógicas

As chaves psicopedagógicas suportam o nosso trabalho educativo, para que a intervenção pedagógica seja adequada a cada aluno e a cada ambiente.

A par das chaves educativas-pastorais, dão nota da influência da nossa tradição educativa com as ideias, técnicas e avanços que a sociedade põe à nossa disposição. Ao mesmo tempo que validam o método e o estilo de D. Bosco renovam-no.

Fator emocional

A importância do fator emocional, o amor educativo, **amorevolezza**, como a inspiração fundamental para a estruturação da personalidade e o energizante da aprendizagem. Esta dimensão sócio-afetiva assume nas nossas escolas um papel fundamental no desencadear dos processos cognitivos, numa interligação indissociável entre inteligência/cognição e afetividade/emoção. O acolhimento, a escuta, a motivação, o conhecimento do aluno e o “espírito de família” do nosso ambiente educativo são requisitos favoráveis para o crescimento e desenvolvimento da pessoa. As emoções têm para nós um valor diagnóstico, porque revelam cognições subjacentes, compromissos e preocupações. Conscientes do que motiva os alunos e sensíveis às emoções, usamos esta informação de forma útil para configurar a aprendizagem.

Aprendizagem Multissensorial - em todos os sentidos

Os sentidos ajudam-nos a compreender o mundo à nossa volta através do que ouvimos, vemos, saboreamos, cheiramos e/ou tocamos. A aprendizagem multissensorial envolve os alunos em atividades que integram o uso de modalidades sensoriais, permitindo-lhes dar significado às suas aprendizagens, mediante a exploração sensorial e o desenvolvimento das capacidades percetivas. As rotinas dos nossos ambientes de aprendizagem desenvolvem experiências e

vivências que facilitam a apropriação dos saberes mediante múltiplas vias de acesso, o que permite uma integração mais consolidada das aprendizagens e facilita a adequação ao estilo de aprendizagem próprio de cada aluno.

Estimulação Precoce

Facilitamos nos alunos uma correta organização neurológica que os capacita para conseguir a excelência intelectual, artística, social, física e espiritual, permitindo-lhes desfrutar de uma boa compreensão, ao mesmo tempo que os favorece a expressar-se em múltiplas linguagens. Atentos à neuroplasticidade como um processo coordenado, dinâmico e contínuo, e conscientes das diferentes etapas do desenvolvimento pessoal projetamos precocemente atividades que constroem alicerces sólidos e seguros para as aprendizagens e competências futuras. Quando a criança chega à escola, pela primeira vez, já é intensamente ativa, pois traz consigo quatro capacidades, a de comunicar, a de construir, a de indagar e a de expressar-se de forma precisa, que constituem recursos naturais, o capital para investir, o exercício do qual depende o crescimento ativo da criança.

Aprendizagem significativa e ao longo da vida

Aprendizagem significativa e ao longo da vida onde a pessoa aprende a resolver dúvidas e desata nós complexos. A aprendizagem significativa tem lugar quando as pessoas evitam limitar-se a memorizar e repetir factos e conhecimentos desconexos (de aplicação limitada). Em vez disso, aproveitam as oportunidades de compreender conceitos difíceis e ideias complexas, avaliá-los e sintetizar as suas próprias reações e reflexões. O objetivo é promover a transferência de aprendizagem, ou seja, aplicar os novos conhecimentos e praticar as novas habilidades em diferentes situações, contextos e ao longo da vida. Precisaremos de pessoas com conhecimentos e competências (valores, atitudes e habilidades).

Personalização dos processos

Personalização dos processos é o coração da nossa ação educativa-pastoral, pois atendemos à **singularidade de cada pessoa**: contextos vitais, familiares, opções livres. Uma vez que a pessoa aprende de variadíssimas formas e seleciona múltiplas vias para adquirir competências, a educação deve reorganizar-se à volta de cada “trajetória de pessoal de aprendizagem” (Leadbeater, 2008)*. A personalização tem consequências sobre o quê, como e onde ensinamos, e na informação sobre as atitudes os desempenhos e o progresso dos alunos. (Redecker et al. 2011)*. A finalidade da aprendizagem personalizada é motivar, animar e autonomizar os alunos de forma a que controlem a sua própria aprendizagem. A **motivação e a capacidade** para aprender de forma autónoma são essenciais para a personalização, porque reduz a dependência do professor e dos estilos de instrução baseados na aula tradicional. Por outro lado, motiva os professores para idealizarem formas de chegar a cada um dos seus alunos, facilitando assim a realização de objetivos e critérios comuns. O **desenho didático** será fundamental para que a aprendizagem realize os seus objetivos.



Leadbeater, e. (2008). *What's next? 21 Ideas for 21st Century Learning. The Innovation. Unit. London*
Redecker et al., (2011). *The future of Learning: Preparing for change. Publications office of the European Union. Luxembourg*

4. Princípios de Aprendizagem Transversais

Que inspiram o desenvolvimento dos nossos ambientes de aprendizagem

Apoiados pela nossa **gramática do coração**, estamos convencidos de que o afetivo é realmente efetivo e eficaz. Por isso, somos uma escola que acolhe e que, iluminada pela **fé (religião)**, reflete o **amor (amorevolezza)** que cria e estimula a relação educativa, com tato, **racionalidade (razão)**, medida, afeto e respeito pela pessoa. O amor educativo é a nossa inspiração fundamental para facilitar o desenvolvimento de uma afetividade sã, que torne os nossos jovens capazes de estabelecer uma boa relação com eles mesmos, com os outros e com Deus.

Verificar e **aceitar a diversidade dos alunos** que chegam **aos nossos ambientes** leva-nos a respeitar o ritmo de aprendizagem de cada um para adaptar os diferentes conhecimentos. As pessoas aprendem de muitas maneiras, pelo que o desafio para nós é descobrir quais as abordagens mais eficazes para os ajudar a aprender. Só teremos impacto positivo num aluno depois de descobrirmos quais são as suas capacidades e as necessidades.

“Queremos que todos usufruam desta **viagem ao ritmo do coração!**”



Assim, propomos um conjunto de **princípios** (Dumont *et al.* 2010) que orientam a nossa ação educativa e que nos ajudam a levar à prática a melhor maneira de ajudar os jovens a tirar o melhor de si mesmos mediante uma educação de qualidade. São princípios que resultam da investigação à natureza da aprendizagem, tendo em conta as várias perspectivas transdisciplinares e respetivas implicações nos ambientes de aprendizagem e que **confluem com a nossa tradição educativa**.

1

Os alunos no centro da aprendizagem

O ambiente de aprendizagem reconhece os alunos como os seus participantes essenciais, incentiva o seu compromisso ativo e desenvolve neles a compreensão da sua própria atividade como alunos. Os alunos são os atores essenciais no ambiente de aprendizagem e as atividades centram-se na sua cognição e crescimento.

2

A natureza social da aprendizagem

A interação que cada jovem estabelece com o ambiente, a experiência pessoalmente significativa, é fundamental para o seu desenvolvimento e crescimento, questionando-se sobre o sentido da vida à luz dos valores do Evangelho.

Dumont, H., Instance D. e Benavides, F. (eds), *The Nature of Learning: Using Research to Inspire Practice*, OECD, 2010

3

As emoções são essenciais para a aprendizagem

A aprendizagem resulta da relação dinâmica entre emoções, motivação e cognição, que estão profundamente interrelacionadas. Os professores no seio do ambiente de aprendizagem estão em sintonia com as motivações do aluno e o papel fundamental das emoções nas conquistas.

4

Reconhecer as diferenças individuais

Os alunos são diferentes de diversas formas, as quais são fundamentais para a aprendizagem: o conhecimento prévio, habilidades, concepções de aprendizagem, estilos de aprendizagem e estratégias, interesses, motivações, convicções sobre a própria eficiência e emoções. Diferem também em termos socioambientais, linguísticos, culturais e sociais. Os ambientes de aprendizagem necessitam de adaptabilidade para refletir as diferenças individuais e de grupo. A aprendizagem é antes de tudo pessoal e depende da boa organização cerebral de cada um.

5

Incluir todos os alunos

O ambiente de aprendizagem desenha programas onde todos e cada um encontrem respostas que lhes possibilitem construir a sua identidade e a sua educação e formação.

6

Avaliação para a aprendizagem

O ambiente de aprendizagem estabelece expectativas claras e utiliza estratégias de avaliação consistentes com essas determinadas expectativas; também enfatiza a retroalimentação para melhorar os resultados educativos.

7

Construir conexões horizontais

O ambiente de aprendizagem promove a “conexão horizontal” entre áreas do conhecimento e entre diferentes matérias, assim como a conexão com a comunidade e com o mundo, pois o conhecimento é experiência e o saber integrado. A comunicação é indispensável e o nosso mundo exige e a capacidade de se expressar e compreender diferentes línguas, para se poder evoluir nesta realidade complexa, conhecida como sociedade do conhecimento, caracterizada pela globalização, pluralismo, emergência do valor das redes e por uma realidade digital e hipertextual.





5. O Modelo Pedagógico

Por que razão falar em modelo pedagógico? Faz sentido apresentar um modelo? O que é, então, um modelo?

Podemos dizer que um modelo é um esquema de **interpretação da realidade**, uma tentativa de conceptualização através da representação seletiva das características essenciais do fenómeno que queremos explicar. É que tornar real a escola que queremos implica elaborar um discurso/ modelo enquadrador, para que o modelo seja uma espécie de mediador entre a realidade e a teoria e que, dependendo da sua operatividade, possa confirmar a teoria.

Ao desenharmos este modelo, pretendemos clarificar o processo de aprendizagem, pois a forma como aprendemos é crucial para determinar como ensinamos.

O nosso modelo deve permitir-nos, por um lado, explicar melhor o presente e, por outro, abrir-nos caminhos para construir o que queremos. Sentimos, de facto, que o modelo anterior tende a ficar obsoleto e que é este o momento de repensar a sua interpretação e **introduzir novos elementos e correspondências**. Não podemos só mudar algumas peças, porque o que entrou em crise é a constelação de ideias de fundo. Há que pensar um novo modelo cuja maioria das peças (alunos, professores, aulas, conteúdos, etc.) se mantém, mas terá de se dispor de outro modo.

É fundamental preparar o terreno para criar as condições para que as iniciativas pedagógicas não fiquem anuladas por limitações estruturais, organizativas ou económicas. A reinvenção dos sistemas educativos depende da transformação da pedagogia e do redesenho das estratégias de ensino. É necessário recuperar a pedagogia.

O nosso esquema concetual tem que nos facilitar **chegar à pessoa que procuramos!**

5.1. Anatomia e fisiologia do modelo

D. Bosco, ao afirmar que *a educação é assunto do coração*, conduziu-nos o olhar para o centro da pessoa e dotou o signifiante de um amplo quociente semântico cuja finalidade é estimular a sensibilidade e inteligência do educador. O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Christus vivit*, §34, prolonga o aforismo de D. Bosco, ao definir que “ser jovem, mais do que uma idade, é um estado do coração”. Por isso, é que “o coração de cada jovem deve ser considerado «terra santa», diante da qual nos devemos «des- calçar» para poder aproximar-nos e penetrar no Mistério”, procurando uma clarividência que consiste na “capacidade de individuar percursos onde outros só veem muros” e “reconhecer possibilidades onde outros só veem perigos”, aponta no §67.

Convencidos e convictos de que *a educação é assunto do coração*, descobrimos que a anatomia e a fisiologia do coração poderiam muito bem inspirar o desenho do nosso modelo pedagógico, pois, se estamos a promover uma atualização do modelo, a linguagem terá de ser nova. Teremos de ampliar o nosso dicionário educativo.

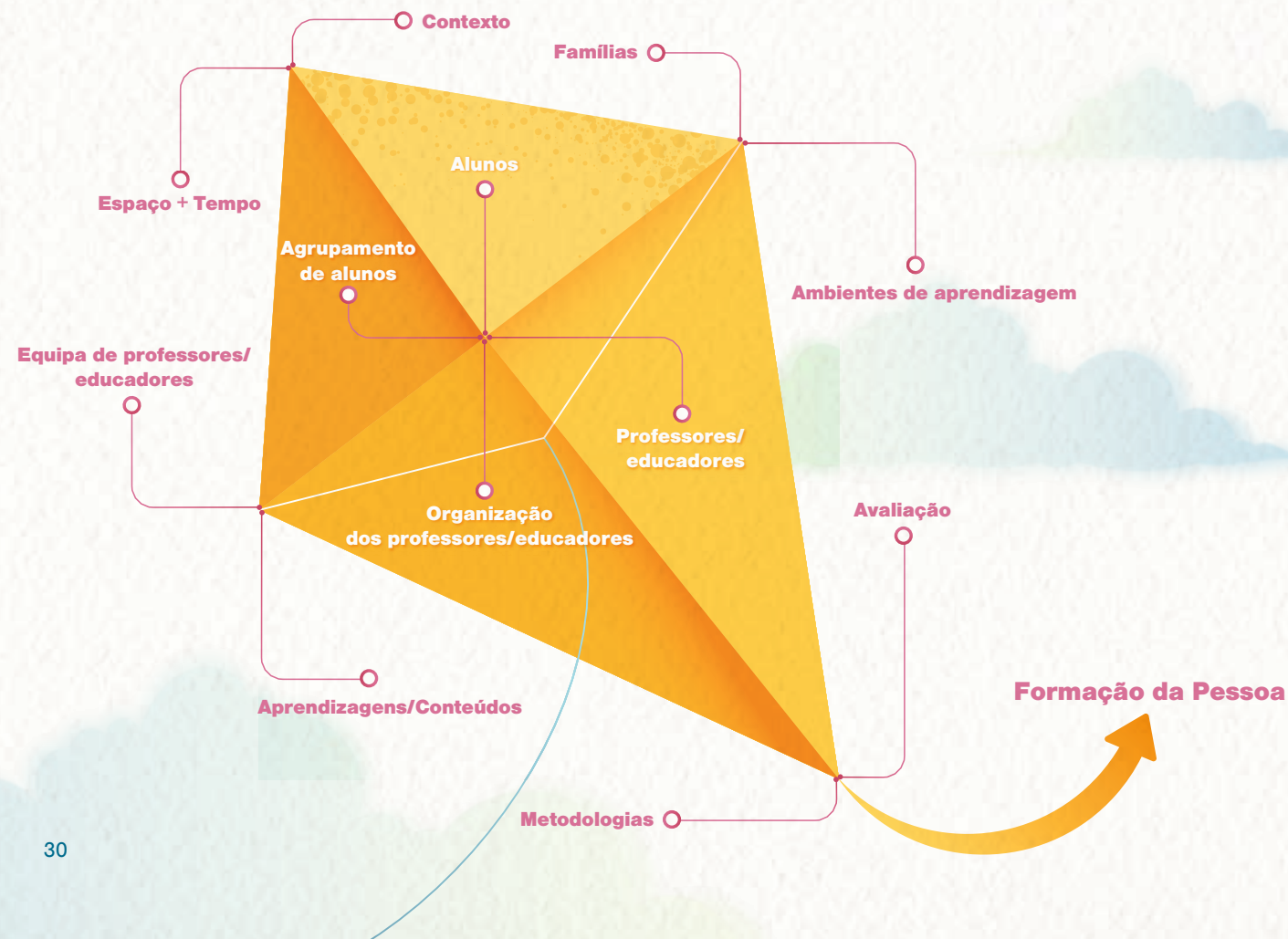
O nosso modelo pedagógico aparece como um losango, formado por quatro triângulos retângulos, tal como as duas bombas musculares que compõem o coração, as aurículas e os ventrículos, e que batem em simultâneo, a fazer lembrar um papagaio de papel, o que não deixa de ser também uma interessante metáfora. Os papagaios embelezam, disputam espaços, fazem acrobacias e mapeiam os céus. São a extensão material da mão, querendo tocar nas ilusões.



E o que podemos dizer do seu conjunto?

Os quatros triângulos organizam-se também de maneira orgânica para funcionarem, afetando todos os elementos (cada um dos doze vértices) e segmentos do sistema educativo. Todos os elementos se relacionam, gerando implicações entre si, não dependendo nenhum de si próprio. Procuramos que o modelo se caracterize pela sua **organicidade e correlação dos elementos** que compõem a gramática escolar, contribuindo para a **formação da pessoa** como o fim a atingir.

Apresentamos, de seguida, uma aproximação panorâmica do modelo.



Aurícula superior esquerda

Este triângulo articula os alunos, o contexto e as famílias.

Os alunos têm um papel protagonista e ativo na aprendizagem. Trabalham para produzir conhecimentos, fabricá-los, assimilá-los e partilhá-los. Deixar os alunos contarem o que fazem e o que aprendem é uma das experiências mais reveladoras daquilo que o Projeto Educativo-Pastoral esconde: a implicação ativa de cada aluno na aprendizagem.

Queremos que essa implicação venha da **interação** entre os alunos, os professores/educadores e as aprendizagens. Estabelecemos vias de comunicação entre os professores/educadores e os alunos, entre os professores/educadores e as aprendizagens, entre os alunos e aprendizagens, mas também entre alunos e entre professores/educadores.

O **contexto** é também um dos fatores equacionados no vértice do nosso modelo, uma vez que a existência de fatores culturais, educacionais e económicos do meio envolvente são importantes na determinação do desenvolvimento e crescimento dos alunos. Ainda que esta relação a um nível micro (aluno) possa ser transportada para um nível macro (escola), implicamos o aluno na construção do seu projeto de vida para minimizar eventuais e expectáveis efeitos negativos do contexto na construção da sua pessoa.

Daí que, no nosso modelo, as **famílias** são a chave para que toda esta engrenagem funcione. A comunicação entre a escola e a família é fluída e frequente. É importante que as famílias conheçam o funcionamento deste processo, que tenham acesso às aprendizagens dos filhos, que se envolvam na produção e fabricação dos conhecimentos, que participem no processo de ensino e aprendizagem, proponham e sugiram a criação de novos ambientes de



aprendizagem. Contamos com elas e pedimos-lhes colaboração para que a implementação deste modelo seja possível.

Estamos **conscientes de que educar - não importa a partir de que idade - é sempre educar para a vida**, por isso as aprendizagens e as atividades que se programam ao longo do currículo têm como objetivo colaborar com as famílias na educação integral de cada aluno, tendo em conta a globalidade da pessoa, para que sejam úteis ao longo da vida, nos diferentes âmbitos: pessoal, familiar e social.



Ventrículo inferior esquerdo

Este triângulo relaciona os Professores/educadores, ambientes de aprendizagem e avaliação.



Os **Professores/educadores** são a peça que põe em movimento os conteúdos e a metodologia e podem fazer avançar, efetivamente, o processo de ensino e aprendizagem. É-lhes conferido um novo papel, preparar, dinamizar e avaliar em equipa; são tutores-guia de grupos de alunos, acompanhando de perto o desenvolvimento e crescimento deles. Assim, se criam fortes vínculos entre os alunos e os tutores que favorecem a aprendizagem.

Os professores/educadores são chamados a ser autores para criarem e desenvolverem **ambientes potentes** de vida e de aprendizagem. Estes **ambientes de aprendizagem** são configurados tendo em conta projetos e problemas reais. Assim se garante a transversalidade, a interdisciplinaridade, a conexão de conhecimentos e áreas curriculares, a incorporação de competências e habilidades. “Um número cada vez maior de investigações mostra que a **aprendizagem significativa** tem lugar quando as pessoas podem aplicar os conhecimentos adquiridos na aula a problemas reais e quando participam em projetos que requerem uma participação e colaboração sustentadas.” (Barron & Darling-Hammond, 2008).

Outro dos vértices deste triângulo é a **avaliação**. As **ferramentas** e os **momentos de avaliação** definem o conceito de avaliação que se pratica e partilha numa escola. Entendemos por avaliação o conjunto de observações, operações e intervenções, para assegurar a qualidade de resultados e processos, com a intenção de os melhorar. E se avaliamos para melhorar, os processos interessam-nos de sobremaneira, já que, se os melhorarmos, contribuímos consistente e significativamente para a formação integral da pessoa.

A avaliação é uma ferramenta extraordinária de aprendizagem constante. Avaliamos para obter *feedback*, para refletir sobre o nosso trabalho, para melhorar a educação que oferecemos, para que os alunos estejam conscientes do seu progresso, para os motivar e melhorar a sua autonomia e para os classificar. Tudo aquilo que se avalia aprende-se melhor. Contudo, queremos valorizar a riqueza das diversas ferramentas de avaliação. Existem ferramentas de avaliação que se destacam pelo seu valor quantitativo e por se centrarem no produto da aprendizagem, enquanto que outro conjunto de ferramentas se destaca pelo seu valor qualitativo e por se centrar no processo.

A avaliação é de todos. Por isso, interessa-nos de maneira especial potenciar a **autoavaliação** e a **coavaliação**, já que favorecem a metacognição e facilitam o desenvolvimento da competência “aprender a aprender” e as habilidades de autoconhecimento e de autorregulação. Acrescentamos, também, que a avaliação incide não só na aprendizagem pessoal do aluno, mas também na totalidade do modelo e no Projeto Educativo-Pastoral.

Acreditamos que poderemos fazer sempre melhor. Há que estar atentos, dar o melhor de nós mesmos e ter abertura e coragem para rever e melhorar constantemente as nossas ações.

Barron & Darling Hammond, (eds), (2008) *Teaching for meaningful-learning: a review of research on inquirybased and cooperative learning*, in *Powerful Learning: What we know about teaching for understanding*. San Francisco, Jossey-Bass/ John Wiley & Sons

Ventrículo inferior direito

O segundo triângulo relaciona as aprendizagens/conteúdos, as metodologias e a distribuição dos professores/educadores.



O conceito de **conteúdo** tem-se modificado ao longo dos anos. Se entendemos por conteúdo tudo aquilo que tem de ser objeto de ensino-aprendizagem, encontramos conceitos, procedimentos, valores, atitudes e competências.

As Aprendizagens iluminam os **conteúdos**, para, por um lado, termos menos informação ou acumulação desordenada de dados, por outro, consolidar melhor os conhecimentos e promover uma compreensão mais global e transversal das matérias, com o intuito de atingirmos o desenvolvimento integral na relação com o conhecimento. Por outro lado, o foco no **conhecimento integrado**, em detrimento do conhecimento fragmentado, levará a uma **organização flexível dos professores/educadores** em função dos cenários, módulos, projetos e novos ambientes de aprendizagem que se desenharem.

Com a entrada em vigor do *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*, passamos de trabalhar prioritariamente os conceitos para nos **fixarmos nas competências**. Por competência entendemos a capacidade de mobilizar conhecimentos, habilidades e atitudes para tomar decisões que permitem resolver de forma eficaz problemas ou situações da vida real.

Para o nosso projeto educativo-pastoral existem uns conteúdos que têm especial importância: os hábitos, as atitudes e os valores, que a Escola Salesiana seleciona para trabalhar de forma especial, em função do seu Projeto Educativo-Pastoral.

As competências e os valores são conteúdos transversais que nos convidam a rever as metodologias tradicionais, muitas vezes, demasiado cognitivas.

As **metodologias** são um dos vértices deste triângulo. É importante o plural do termo, pois não propomos uma única metodologia, mas metodologias várias. O trabalho das competências e dos valores obriga-nos a introduzir **metodologias mais ativas** e que, necessariamente, deverão ser coerentes com elas mesmas. Também não abdicaremos das metodologias que potenciam a **aprendizagem por receção**. A aula magistral não fica excluída, mas terá de ser programada adequadamente. É importante trabalhá-la como uma didática do desenvolvimento da capacidade de concentração e atenção dos alunos, da capacidade de escutar, de tomar notas, etc.

Sendo coerentes com o protagonismo ativo que pedimos ao aluno e em função da sua maturidade, atribuímos à **aprendizagem por descoberta** o espaço que merece. Acrescentamos a estas duas modalidades a coexistência do **trabalho individual** dos alunos com o **trabalho colaborativo**, pois ambos são importantes para o processo de construção da pessoa: por um lado, o valor da síntese e memorização, por exemplo; e, por outro, a prática da ajuda cooperativa em grupos heterogéneos.

A chave é somar e encontrar um **equilíbrio** entre as diferentes metodologias, programar de maneira proporcional a utilização de cada uma delas na aula em função dos conteúdos e dos objetivos de aprendizagem.

Aurícula superior direita

Este triângulo relaciona o espaço e o tempo com a equipa de professores/educadores e a forma de agrupar os alunos.



O **espaço** e o **tempo** são as coordenadas para toda a ação.

Propomos novos ambientes para novas relações. Pretendemos organizar os alunos em **grupos de geometria variável**, valorizando a singularidade de cada aluno, o seu potencial e o contexto.

Sendo assim, os **espaços** facilitam a implementação deste modelo pedagógico. Vários espaços polivalentes que permitam o trabalho individual, trabalho cooperativo, aulas magistrais, apresentações e outras atividades lúdicas, bem iluminados, alegres e com cores, onde se minimize o ruído e com mobiliário adequado que permita as diferentes formas de trabalho que o nosso modelo contempla. O ambiente fomenta a criatividade e o trabalho de **grupos de alunos** organizados de forma flexível e **equipas de professores/educadores** que trabalham de forma integrada e colaborativa. Os alunos dispõem de tempo para o trabalho individual e também de tempo para o trabalho cooperativo em grupos homogêneos e heterogêneos.

No nosso modelo repensamos a estruturação tradicional do **tempo**. Integramos o conhecimento através, por exemplo, do agrupamento de disciplinas em núcleos, projetos transversais que integram conhecimentos, habilidades e competências, e que estão próximos da vida real e que terminem em produtos tangíveis e integrados.

Com o intuito de maximizar a aprendizagem, a **equipa de professores/educadores** decide a distribuição de tempo adequada para concretizar as atividades programadas e quais as dinâmicas de trabalho que deverão ser seguidas, de acordo com critérios pedagógicos consistentes, aproveitando os espaços, dando-lhes identidade, organizando novos módulos de aprendizagem e apoiando-se nas metodologias ativas.

Estes professores/educadores desempenham diferentes papéis, temporais ou rotativos (tutoria, participação, apresentação, avaliação, observação, instrução, etc.). Com esta organização, potenciamos a personalização dos processos de ensino-aprendizagem, bem como o acompanhamento-tutoria dos alunos. A **equipa de professores/educadores** planifica, programa as atividades e a participação ativa dos alunos, trabalha na aula, acompanha o aluno individualmente e os grupos, e avalia conjuntamente, dando **feedback** sistemático aos alunos.

Além disso, e para garantir esta interação, garantimos um conjunto de **recursos** que facilitam a aplicação do modelo, quer **físicos**, quer **digitais**.

Sentimos que é um tempo mais próximo da realidade dos alunos, com mais sentido e potência operativa e vivencial, para criarmos constantemente experiência e conhecimento.

Leadbeater, C. (2008). What's next? 21 Ideas for 21st Century Learning. The Innovation Unit. Londres.

5.2. Criação de ambientes potentes de vida e de aprendizagem

Depois de definido o modelo pedagógico da nossa escola, estamos prontos para criar **ambientes potentes** de vida e de aprendizagem.

5.2.1. Indicadores para a construção de ambientes de aprendizagem

Para que os ambientes de aprendizagem possam ser bem iluminados, propomos um conjunto de conceitos, baseados em evidências científicas, que funcionam como **interruptores**, que serão acionados, concomitantemente, pela equipa docente na hora de criar e desenhar esses ambientes, para que respeitem não só as características da Pessoa que queremos descobrir, como também os Princípios de Aprendizagem, propostos anteriormente, e o desenvolvimento do nosso modelo pedagógico.



Estes conceitos serão os **indicadores** para garantir que esses ambientes conduzam a uma aprendizagem eficaz e profunda. Por outro lado, sugerimos também que a configuração dos ambientes de aprendizagem contemple a seguinte **sequência didática**:



A nossa proposta tem por base os trabalhos de investigação de Erik de Corte (2004), *The CLIA-Model: a framework for designing powerful learning environments for thinking and problem solving*.

Erik de Corte (2004), *The CLIA-Model: a framework for designing powerful learning environments for thinking and problem solving*, *European Journal of Psychology of Education*, vol. 19. N.º 4, pp. 365-384.

Assim, e antes mesmo da sua aplicação, a equipa docente avalia se o ambiente de aprendizagem que criou é:



5.3. Metodologias ativas e diversas

As metodologias que aqui destacamos estão de acordo com os princípios metodológicos estabelecidos e concebem a aprendizagem como um **processo construtivo** e não recetivo. Uma das suas principais características é o papel protagonista atribuído ao aluno, que deve construir o conhecimento a partir de indicações, atividades ou cenários desenhados pelos professores/educadores.

A força das metodologias é dada pela sua **conexão** com a aprendizagem. As metodologias não são o fim em si mesmo, mas sim **estratégias** a utilizar. Queremos sublinhar também que estas metodologias sintonizam bem com alguns dos **princípios educativos do Sistema Preventivo de D. Bosco**: (Arensal Junqueira, 2009)



Arensal Jorquera, Maria José, (2009). *El sistema Preventivo de Don Bosco, respuesta a la escuela multicultural*. Tese de Doutoramento. Facultad de Educación, Departamento de Didáctica y Organización Escolar. Universidad Complutense de Madrid



5.3.1. Cultura de Pensamento

Ao elegermos esta metodologia, o objetivo é transformar o ambiente de aprendizagem numa cultura de pensamento.

David Perkins (1995) diz-nos que “o objetivo de ensinar a pensar é o de preparar os alunos para que, no futuro, possam resolver problemas com eficácia, tomar decisões bem pensadas e desfrutar de toda uma vida de aprendizagem”.

Realmente, o saber pensar é fundamental e deve-se converter em prática quotidiana. O ambiente de aprendizagem é um dos meios privilegiados para isso, ao envolver os alunos a refletir sobre o seu próprio pensamento e a estimulá-los para que usem e construam estratégias de pensamento como resposta a desafios intelectuais e de aprendizagem.

Para desenvolver esta metodologia, utilizamos suportes que favorecem a **metacognição** através de rotinas de pensamento e utilização da linguagem, para que os alunos se sintam implicados nos conteúdos a explorar e tornem visível o seu pensamento. As rotinas de pensamento criam movimentos de pensamento concretos, são estruturas com as quais os alunos, individual ou coletivamente, iniciam, discutem, exploram documentos e gerem o seu pensamento, ao mesmo tempo que descobrem modelos de agir que permitem utilizar a mente para criar pensamentos, raciocinar e refletir.

Tishman, S., Perkins, D. & Jay, E. (1995). *The Thinking Classroom: learning and teaching in a culture of thinking*. Pearson.

Os alunos compreendem que há diferentes tipos de pensamento e que se utilizam em diferentes momentos de uma investigação. Compreendem que quando pensam bem fazem algumas destas atividades: podem estar a observar algo em detalhe, podem estar a fazer perguntas ou olhar as coisas debaixo da superfície, podem estar a identificar e explorar perspetivas múltiplas, estabelecer conexões, gerar explicações, avaliar, visualizar, esclarecer, clarificar, sintetizar informação, raciocinar a partir de evidências, criar ideias, solucionar problemas, interpretar, criar conjecturas ou resumir.



5.3.2. Aprendizagem cooperativa

Se há metodologia que tem marcado interesse para a escola Salesiana é a aprendizagem cooperativa, inclusive, um interesse pastoral.

Os irmãos David W. Johnson e Roger T. Johnson definem aprendizagem cooperativa como “o emprego didático de grupos reduzidos onde os alunos trabalham juntos para maximizar a sua própria aprendizagem e dos seus pares.”

A cooperação consiste em **trabalhar juntos** para alcançar **objetivos comuns**. Este método contrasta com a aprendizagem competitiva, em que cada um procura o seu êxito pessoal, e com a aprendizagem individualista em que cada um trabalha por si para atingir objetivos à margem dos restantes companheiros.

Então, por que razão a Aprendizagem Cooperativa na Escola Salesiana?



Johnson, W. D., Johnson, T. R. & Holubec, J. Ed. (1994). *Cooperative Learning in the Classroom*. Association for Supervision and Curriculum Development. Michigan.

1

porque faz parte da nossa identidade. Proporcionamos aos nossos alunos uma experiência de comunidade, num ambiente de família, com o objetivo de os tornar “honestos cidadãos e bons cristãos”, capazes de melhorar a vida dos outros.

2

porque tem interesse pastoral, pois desenvolve a dimensão social e ética e gera nas crianças e nos jovens atitudes coincidentes com a visão da vida e os valores evangélicos que queremos promover.

3

porque desenvolve nos alunos a dimensão interpessoal: a que nos permite compreender os outros e comunicarmos com eles, estabelecer e manter relações e assumir diversos papéis dentro dos grupos, quer como membros, quer como líderes.

4

porque cria uma comunidade de aprendizagem onde todos os alunos não só aprendem juntos, mas também aprendem uns com os outros, de maneira que o conhecimento de um enriquece o conhecimento dos outros.

5.3.3. Aprendizagem baseada na DESCOBERTA (em projetos e em problemas)

É uma estratégia de ensino-aprendizagem em que são importantes tanto a aquisição de conhecimentos como o desenvolvimento de competências e atitudes adequadas. A evidência desta metodologia diz-nos que os alunos aprendem mais profundamente quando podem aplicar os conhecimentos aprendidos aos problemas do mundo real. (Bridges et al. 2006)

Apresenta-se aos alunos um problema da vida real iniciando um processo de investigação que os leva a procurar possíveis soluções para a situação apresentada. Reúnem-se os alunos, com a interajuda do professor, para analisar e resolver o problema que foi previamente desenhado para se alcançar objetivos concretos de aprendizagem.

Porporcionamos aos alunos oportunidades que desenvolvem capacidades em contexto de projetos complexos e significativos, que requeiram compromisso de forma sustentável, colaboração, investigação, gestão de recursos e melhoria do desempenho ou desenvolvimento de produtos enriquecedores e geradores de mais-valias.

A interação entre os alunos para entender e resolver o problema permite que, para além da aprendizagem dos conteúdos exigidos pela matéria, sejam capazes de elaborar um diagnóstico das suas próprias necessidades de aprendizagem, reconheçam o que já sabem e o que devem aprender, compreendam e valorizem a importância da trabalhar cooperativamente, desenvolvam habilidades de análise e síntese da informação e se reconheçam comprometidos com o seu processo de aprendizagem e o respetivo resultado.



Lu, J., Bridges, S. & E. Hmelo-Silver, C., (2006) *Problem-based learning*. In Keith Sawyer, R. (ed.) *The Cambridge Handbook of The Learning Sciences*. 2.ª ed. 2014, Cambridge University Press.

5.3.4. Aprendizagem-Serviço

Esta metodologia comunga dos objetivos da ação educativa-pastoral da Escola Salesiana. A aprendizagem-serviço é uma proposta educativa que combina processos de aprendizagem com um projeto bem articulado. Está desenhada para que os alunos apliquem os seus conhecimentos curriculares em distintos problemas sociais autênticos e, com frequência, complexos.

Este tipo de aprendizagem está focado na **comunidade** e concretiza-se por meio de **parcerias** com outros membros da comunidade, oferecendo diferentes tipos de cooperação: o trabalho cooperativo para concretizar as atividades de aprendizagem e de serviço, que também se faz com as pessoas que recebem o serviço. Tornando a comunidade como recurso, a aprendizagem-serviço amplia a educação dos alunos para além dos muros da escola, ao ancorar a aprendizagem nas áreas curriculares que os jovens devem dominar.

Esta metodologia exige reflexão, para se saber por que se faz, e para quê e a quem se faz.

Partilha também os mesmos objetivos com a ação educativa-pastoral salesiana, pois educa para os valores da participação, da responsabilidade social, da cidadania, da capacidade de empreender, da reciprocidade e do respeito pela dignidade da pessoa. Ao mesmo tempo forma cidadãos, na medida em que promove a participação informada, ativa e responsável, através da cooperação que procura interesses sociais e não tanto êxitos pessoais.



Dumont, H., Instance D. e Benavides, F. (eds), *The Nature of Learning: Using Research to Inspire Practice*, OECD, 2010

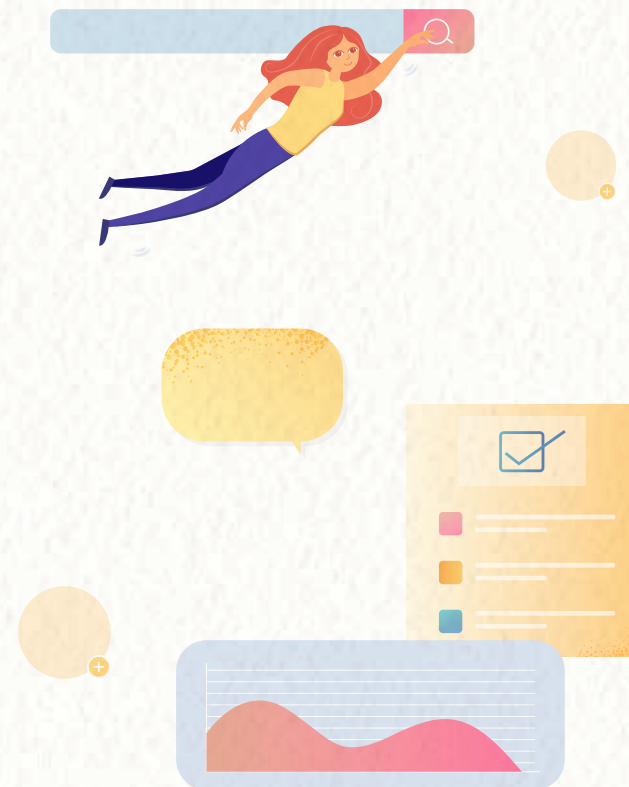
5.4. Integração tecnológica e em rede

O modelo pedagógico, centrado no aluno, integra e necessita das potencialidades tecnológicas das ferramentas informáticas.

À medida que a aprendizagem se vai tornando mais autónoma e com o objetivo de facilitar ao aluno o acesso e a sua personalização, o aluno utiliza o seu *device* como ferramenta habitual de aprendizagem.

Este modelo de aprendizagem é suportado por uma **plataforma** que permite **integrar** materiais didáticos e ferramentas de comunicação, colaboração, avaliação e gestão através da internet. Pretendemos que seja um ambiente virtual de aprendizagem concebido para produzir e gerir recursos em linha baseados na filosofia da aprendizagem colaborativa. Esta plataforma digital da Escola Salesiana oferece-nos diversas possibilidades para o ensino e aprendizagem para a avaliação e para a comunicação. A utilização de um **ambiente virtual de aprendizagem** facilita o trabalho e o estudo fora da aula e prepara os alunos para prosseguir aprendendo durante a vida.

Quando a equipa docente desenha os ambientes de aprendizagem, cria uma bateria de recursos, pensados para dar resposta à variedade de habilidades cognitivas dos alunos. A fonte é o marco curricular da disciplina e a plataforma digital converte-se num espaço para armazenar recursos e propostas de diversos tipos e formas. Todos os elementos que integram esta planificação são modulares e replanificáveis em função das necessidades educativas dos alunos. Desta forma, são partilhados também com outros professores e reutilizados noutros contextos.



5.5. Avaliação para a aprendizagem

Ao se assumir que o aluno é o principal protagonista da sua aprendizagem, a avaliação comporta uma dimensão dinâmica, baseada em **evidências (“authentic assessment”)**, com um objetivo claro: **avaliar para aprender melhor**.

Entendemos por “avaliação baseada em evidências” um sistema que continuamente recolhe informação sobre a forma como se desenrola a aprendizagem, colocando o aluno como agente ativo na apropriação do seu percurso como aprendiz. O aluno com acesso a informação que lhe permite autoavaliar-se sempre que obtiver informação relativa a qualquer tarefa de avaliação a que esteja sujeito, podendo desta forma desenvolver uma consciência metacognitiva que lhe vai conferir maior autonomia e capacidade de autorregulação da sua atividade.

Destacamos quatro propósitos para este tipo de avaliação:

- 1 observar o aluno para o conhecer melhor;**
- 2 acompanhar o processo que está a acontecer;**
- 3 documentar a sua aprendizagem com evidências;**
- 4 proporcionar uma avaliação e uma classificação válidas e fiáveis.**

Esta forma de avaliar implica, em primeiro lugar, colocar o foco do processo de avaliação na verificação da qualidade das aprendizagens realizadas por cada aluno. Implica também que para todos os interlocutores, famílias, alunos e educadores, se torne clara a distinção entre avaliação e classificação: avaliamos sempre, ao longo do processo, no

dia-a-dia, em todos os momentos e contextos que propiciem o registo de observações válidas sobre os desempenhos de cada aluno; classificamos no final, ou seja, apenas no momento em que for necessário traduzir numa classificação a súmula do trabalho realizado e da validação das observações efetuadas.

Esta apropriação de uma nova dinâmica de viver a interligação entre aprendizagem e avaliação, em contraponto com um modelo focado primordialmente na classificação, leva-nos à dimensão verdadeiramente formativa da avaliação, onde um feedback preventivo, concreto, objetivo, centrado no que o aluno ainda não sabe fazer, no que já consegue realizar, e sobretudo na forma como vai conseguir ultrapassar os seus desafios como aprendiz, se torna o pilar do trabalho quotidiano, dos educadores e dos alunos.

Centrar o processo de avaliação no aluno, conferindo ao ato educativo a individualização que se reconhece como fundamental numa escola inclusiva, de todos e para todos, respeitando ritmos e dinâmicas de aprendizagem, de desenvolvimento de capacidades e competências de cada um, é um processo complexo e que exige uma monitorização atempada e coerente do trabalho realizado. Implica o recurso a ferramentas de diagnóstico e de verificação das aprendizagens indispensáveis para possibilitar a cada professor a concretização da sua ação. Implica ainda poder dispor de sistemas de registo que alimentem a referida avaliação dos processos, compatíveis com as exigências e dinâmicas de trabalho de cada professor, e que, de forma expedita e funcional, permitam aos alunos um conhecimento atempado e permanente da qualidade da sua aprendizagem. E, por seu intermédio, poder facultar aos pais e encarregados de educação a mesma qualidade de informação avaliativa que a qualquer momento permite dispor de pontos de situação.

Um novo paradigma de avaliação tem de saber responder às exigências que o mundo de hoje impõe a um sistema formativo de qualidade a que a escola tem de saber responder. Passámos há muito a fase em que o saber, em si mesmo, era considerado o valor essencial no desenvolvimento de um ensino de excelência. Hoje, o saber, o conhecimento, só tem sentido se puder ser posto ao serviço de uma aprendizagem que propicie aos nossos jovens um leque diverso de capacidades e competências em que o aprender a continuar a aprender, ao longo da vida, já não pode ser dissociado da qualidade do ensino que pretendemos assegurar.

Já não basta saber e saber reproduzir o que memorizámos. Hoje temos de ser capazes de resolver problemas complexos, desenvolver o pensamento crítico, a capacidade de argumentação, a criatividade, a capacidade para trabalhar em equipa, sermos capazes de avaliar e decidir perante situações e contextos diversos e não programados, entre muitas e novas exigências que o ritmo de mudança nos vai demonstrando no correr dos tempos. Em suma, desenvolver e saber usar a flexibilidade cognitiva como a ferramenta fundamental que a escola deve ser capaz de propiciar a todos os alunos.

Esta dimensão da avaliação, inclusiva, centrada no aluno, respeita a diversidade de processos, de formas de aprender: o aluno **pode demonstrar de diferentes maneiras** uma ampla gama de conhecimentos e habilidades. Daí que utilizamos e valorizamos sempre **diferentes instrumentos de avaliação**. A aposta na sua diversificação implica que a avaliação seja algo para além dos “testes”, que não ficando excluídos do processo, passam a ter um papel mais diluído no contexto da avaliação, face à necessidade e urgência em assegurar que a recolha de

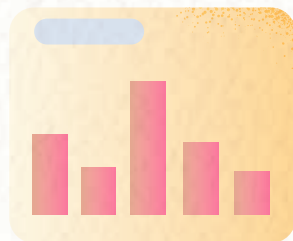
informação envolva os alunos em contextos avaliativos cada vez mais próximos de situações autênticas. Saber preparar uma apresentação oral, elaborar um relatório de uma qualquer atividade de aprendizagem, conceber e organizar um portefólio que constitua a mostra do trabalho desenvolvido, participar num debate, saber fazer uma pesquisa na internet, participar num projeto transdisciplinar, revelando sentido crítico e capacidade para avaliar a qualidade e a pertinência da informação que se recolhe, são muitas das possíveis formas de expressar o domínio de capacidades e competências essenciais para uma plena integração no mundo de hoje.

Acompanhar o processo que está a acontecer pressupõe que esta **avaliação seja contínua e ampla**, para, sistematicamente, darmos **feedback e retroalimentar** o processo de aprendizagem dos alunos e tomar decisões durante o percurso para melhorar a sua eficácia.

Implica **repensar o valor do erro**, tantas vezes o estigma que na sala de aula (e ao longo da vida) impede a livre expressão dos mais inseguros, a forma de expressar a dúvida e a procura do bom conhecimento, o que pressupõe que, no contexto funcional de uma avaliação formativa, os registos das observações, sempre que nos mostrem aprendizagens não consolidadas, têm de dar lugar à **recuperação** e ao retomar do processo. O sistema preventivo da avaliação é isto mesmo, prevenir que, ao longo do tempo, as aprendizagens que não se vão fazendo, e que cumulativamente levam à perda da perceção do que é necessário fazer para abrir as portas ao sucesso, dando lugar a **intervenção formativa** atempada, capaz de inverter o rumo ao insucesso.

E, é nesta linha de ação que se concretiza plenamente a distinção entre avaliação e classificação: a primeira como regulação do processo, que o acompanha ao longo das atividades letivas e vai promovendo a progressão da aprendizagem; a segunda que, no final do caminho, deverá traduzir o nível de proficiência alcançado em cada domínio de aprendizagem e de forma conjunta em cada disciplina. A classificação perde a sua métrica centrada na média de desempenhos medidos ao longo do percurso, onde todos os erros eram contabilizados, e passa a ser um registo final que concretiza e formaliza uma avaliação que potenciou o erro como uma poderosa ferramenta de aprendizagem.

Este novo processo implica também olhar para a própria avaliação como aprendizagem. Para o aluno fica reservado o papel principal: o de aprender com sua avaliação, melhor dizendo, com a sua **autoavaliação**. O aluno autoavaliador, capaz de reconhecer o que fez bem, menos bem, como pode fazer melhor, que aprende a pedir ajuda, a tempo e horas, antes que se acumulem os fracassos, que aprende a avaliar os seus pares, e que de forma tendencialmente autónoma aprende a autorregular-se. É o aluno que vai ser capaz de aprender sempre, vai ser poder procurar a todo o tempo ser melhor, logo ficando melhor preparado para enfrentar os desafios da imprevisibilidade que marcará o seu futuro.



Em suma, e o que é que se avalia? Como e quando se avalia?

Quanto aos conhecimentos, capacidades e competências: o que é que se avalia?

1.

De cada área do saber avaliamos se o aluno se apropriou do conhecimento essencial para que em diferentes situações seja capaz de o aplicar no desenvolvimento de atividades concretas e na resolução de problemas aplicados em situações que reflitam contextos reais, ou próximos, devidamente contextualizados.

2.

Valoriza-se a profundidade da compreensão, as chamadas aprendizagens significativas, as que ficam depois do esquecimento, e não apenas a capacidade de recordar e reproduzir a informação. Avaliamos a relação do conhecimento adquirido com outras matérias ou outros aspetos da mesma matéria e capacidade de o transferir para situações da vida real.

3.

Realiza-se a avaliação em contextos significativos: resolver um problema, desenvolver um projeto, concretizar o que se aprendeu depois de uma visita de estudo, apresentar o resultado de uma pesquisa, de uma experiência aos seus pares ou à comunidade, e, sempre que necessário, responder a questões integradas num teste...

Em relação ao como e quando se avalia?

1.

Este tipo de avaliação, que alguns chamam “avaliação de aula”, realiza-se de maneira formal, a partir de um esquema de observação, através de atividades desenhadas previamente, e informal, no desenvolvimento habitual do processo, através da observação, do acompanhamento e documentação, a partir de múltiplas perspetivas: a do educador, a do próprio aluno, a dos companheiros, mas sempre tendo presente o objetivo fundamental: uma avaliação para a aprendizagem e não tanto da aprendizagem.

2.

A avaliação como tal não tem lugares determinados nem tempos específicos assinalados, ainda que, se sequencial às atividades, se exija o seu cumprimento num tempo concreto.

3.

A avaliação existe para mostrar, em cada momento, o progresso do aluno. Não é uma “fotografia” que reflete o que o aluno faz num determinado momento, ou um álbum de fotografias do qual se extrai uma média, se a cada fotografia tivesse sido atribuído um dado valor. É antes um “filme” que demonstra a sua evolução. Isto dá ao aluno a oportunidade de acompanhar a sua própria aprendizagem e demonstrá-la com evidências, mas acima de tudo de poder melhorar sempre, ao longo do processo, sem ser penalizado pelos erros e acidentes de percurso que devem ser interiorizados e valorizados, por todos, como uma das principais fontes de aprendizagem.

4.

Ao darmos a conhecer os critérios de avaliação, desde o princípio, à comunidade educativa, em geral, e em particular aos alunos, tendo ainda estes acesso à explicitação

das aprendizagens concretas que têm de desenvolver, e até a forma como o podem fazer, podem e devem reconhecer a qualquer momento o desenvolvimento da sua aprendizagem e avançar, de nível para nível, até atingirem o seu pleno potencial de aprendizagem. Desta forma, são os alunos o elo fundamental do seu percurso de sucesso e os principais protagonistas no potencial incremento da qualidade das aprendizagens e da melhoria dos resultados escolares.

5. Tendo em conta que os alunos nem todos aprendem da mesma maneira, os instrumentos de avaliação são diversos. Os instrumentos que selecionamos e as atividades que propomos são uma espécie de “lente” para os conhecer melhor, abrindo a possibilidade a uma indispensável multiplicidade de contextos avaliativos que convergem para o desenvolvimento das aprendizagens e das competências complexas que congregam as aprendizagens profundas.



5.6. Ambiente personalizado e inclusivo

5.6.1. Acompanhamento pessoal e comunitário

O acompanhamento é um **elemento chave** do nosso estilo educativo, um aspeto essencial e irrenunciável da nossa pedagogia e do desenvolvimento da missão que realizamos. Acompanhamos as pessoas em diversos níveis, através do ambiente geral, dos grupos, da relação e o acompanhamento pessoal.

Esta missão oferecemo-la a cada um dos nossos alunos e alunas e às suas famílias, destinatários do nosso trabalho educativo. Também acompanhamos os professores tanto a nível profissional como carismático, de modo a que possamos estabelecer dinâmicas de aprendizagem, crescimento e melhoria constante no seu desempenho, para que a nossa missão se desenvolva com mais qualidade.

Do que podemos denominar como acompanhamento, destacamos as seguintes modalidades:

1

Acompanhamento ambiental:

É o que se origina no próprio ambiente educativo, através dos valores que se expressam, as atitudes que se favorecem, as relações que se estabelecem entre as pessoas. Embora tenha um carácter, em certo sentido, “espontâneo” é necessário cuidá-lo pelo poder configurador que tem.

2

Acompanhamento tutorial:

É um tipo de acompanhamento pessoal e grupal. O objetivo é a referência pessoal com um educador-tutor, que acompanha a boa integração do aluno na escola, as relações com os colegas, assim como o seu desenvolvimento integral e o percurso académico.

3

Acompanhamento formativo:

Esta perspetiva da avaliação supõe um acompanhamento de carácter personalizado através das atividades de ensino-aprendizagem, que seja continuado e que proporcione ao aluno a tomada de consciência do seu próprio processo de aprendizagem de forma cada vez mais autónoma. Permite abordar não só aspetos académicos, mas o autoconhecimento, atitudes e valores.

4

Acompanhamento psicopedagógico:

É um acompanhamento com base em ações de consultoria aos diferentes agentes educativos assente numa perspetiva sistémica e transversal. Tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento humano (moral, emocional, social e cognitivo) e construção de uma identidade pessoal positiva dos elementos da comunidade.

5

Acompanhamento pastoral:

Este acompanhamento específico aborda decididamente o crescimento na fé dos jovens, oferecendo diretrizes para o crescimento espiritual e para a orientação vocacional específica. Como toda a intervenção educativa na escola, também o acompanhamento se programa e se definem orientações para o seu desenvolvimento.

5.6.2. O Pátio e os “novos pátios” como lugares educativos

O pátio é um espaço e modalidade iniludível na experiência da Escola Salesiana. É muito mais que um lugar físico onde se realizam atividades e iniciativas, mas que se configura como um lugar para a **construção de relações pessoais** através da “assistência”, a animação e o jogo.

Toda a Escola Salesiana está chamada a salvaguardar e privilegiar os tempos e os espaços destinados ao **encontro espontâneo** com os alunos. Todos os educadores são chamados a viver esta experiência do “pátio salesiano”.

Ao falar do pátio não falamos só dos recreios, mas dos tempos propícios para o encontro pessoal, como são as festas salesianas, os momentos de celebração festiva, os momentos de oração, os jogos nacionais, entre outros. Na pedagogia salesiana valorizam-se aquelas formas de expressão tipicamente juvenis como a música, o teatro ou o desporto. Lugares e linguagens próximas dos jovens, apreciados pelos educadores e agentes de pastoral e que têm um grande potencial no âmbito educativo pastoral.

Para além do pátio físico, dos lugares tradicionais de socialização, surgiram os novos “pátios” onde habitam os adolescentes e jovens. Especialmente, agora, as redes sociais apresentam-se como esses lugares onde se configuram, muitas vezes, as identidades e onde se forjam as relações.

Esses “pátios” são objeto também da nossa solicitude educativa, onde aplicamos o princípio da “assistência”, isto é, estar presentes com respeito e prudência, interagir a partir do papel de educadores adultos e acompanhar prevenindo condutas negativas.

6. Comunidade Educativa-Pastoral

Todo este trabalho educativo-pastoral, que aqui propomos, desenvolve-se num âmbito comunitário que chamamos “Comunidade Educativa-Pastoral” (CEP) e que é o sujeito pastoral e o âmbito onde tem lugar a experiência de fé, vivida em conjunto por adultos e jovens. Para nós esta maneira de viver só tem sentido como “espírito de família”, assente em profundas relações de amizade. O “**espírito de família**” é a nota primeira do nosso Sistema Preventivo.

Mais que uma estrutura, a CEP é uma **realidade viva**, que cresce e se desenvolve. Por isso, não cuidamos só da sua organização, mas, sobretudo, da **vida que gera**. A CEP requiere acompanhamento e cuidado, de modo que seja em todo o momento uma **experiência em crescimento** e com o dinamismo próprio das pessoas que nela se integram. Esse acompanhamento e cuidado é assegurado pelas múltiplas modalidades de animação e acompanhamento que são possíveis estabelecer, dinamizadas pelas “estruturas de animação”.



6.1. Estruturas de animação

Os organismos e equipas ao serviço da animação da Comunidade Educativa-Pastoral são:

Conselho da CEP

É o organismo que anima e coordena a obra salesiana através da reflexão, o diálogo, a programação e a revisão da ação educativa-pastoral. As funções do Conselho da CEP consistem em coordenar a elaboração e revisão do Projeto EducativoPastoral Salesiano; colaborar na formação dos professores; manter em comunhão e colaborar com os diversos grupos da Família Salesiana que trabalham no território;

A equipa diretiva da escola

A sua missão é velar pelo desenvolvimento integral da escola. A sua primeira função é priorizar a identidade da Escola Salesiana e de todos os que a integram.

A equipa pastoral da escola

Anima a atividade evangelizadora cuidando da sua profunda integração no processo didático e educativo.

Equipa docente

É a responsável por dinamizar todas as iniciativas pastorais propostas na programação. Participa na programação pastoral geral, revê-a e avalia a ação educativa-pastoral que lhe compete.

Os alunos

Que se convertem progressivamente em sujeito protagonistas da sua educação e da vida da escola.

As famílias

Primeiras responsáveis pela formação dos seus filhos, queremos torná-las participantes das ações pastorais da escola, desde a informação, à implicação ativa em iniciativas concretas. A formação e o acompanhamento das famílias deve ser um compromisso irrenunciável, com o objetivo de se converterem nos melhores educadores dos filhos.

6.2. Tempos de intervenção

6.2.1 Intervenções explícitas de evangelização

Um dos pilares que sustenta a identidade da Escola Salesiana é a clara e orgânica articulação de intervenções explicitamente evangelizadoras. A proposta educativa-pastoral concretiza-se em experiências e atividades muito enraizadas na tradição salesiana.

O tema pastoral do ano

O tema anual da pastoral tem como finalidade combinar as diferentes propostas educativas-pastorais do ano à volta de um elemento aglutinador.

Os Bons Dias

São um breve espaço no começo do dia, inspirados nas “Boas noites” praticadas por D. Bosco com os jovens de Valdocco. Os “Bons dias” têm um formato breve e o seu estilo é narrativo, onde cabem o relato, os episódios de vida, as notícias relevantes, a imagem e a música... para fazer deles uma leitura sapiencial da vida. Costumam incluir a escuta da Palavra de Deus, como chave interpretativa da realidade e concluir-se com uma Oração.

Campanhas solidárias

Tradicionalmente, na escola propõem-se campanhas sob o signo da cooperação e da solidariedade. Contribuem para a tomada de consciência da realidade e favorecem o trabalho interdisciplinar entre áreas.

Retiros e tempos litúrgicos fortes

Ao longo do ano escolar, oferece-se aos alunos, aos professores e a outros educadores, a possibilidade de viver experiências de carácter formativo-espiritual. Desenvolvidos durante o ano letivo em diversas modalidades e tempos, são um espaço favorável para o crescimento pessoal,

o acompanhamento pastoral e a leitura da própria vida à luz da mensagem cristã. Estes momentos devem configurar-se a partir da necessidade real dos destinatários e aplicando também as novas abordagens metodológicas.

Celebrações da fé e experiência sacramental

Toda a escola Salesiana propõe e cuida os momentos de celebração. Desenvolvemos com todos, inclusive com os alunos pertencentes a outras confissões, uma visão transcendente da vida e promovemos a sua expressão. Entre as celebrações, destacam-se a Eucaristia e a Reconciliação, devidamente programadas e previstas no calendário das atividades formativas anuais.

Aprendizagem da oração e o cultivo da interioridade

Cada vez ganha mais interesse, no contexto da escola católica, o aspeto da espiritualidade/interioridade. São os processos de aprofundamento na própria consciência do ser e abertura à transcendência. Estas metodologias incorporam ferramentas como a consciência corporal, as visualizações, o jogo, a dança, a meditação, entre outras.

Festas Salesianas

Ao longo do ano letivo, estão previstos tempos de encontro e de festa, como ocasiões de agradecimento e de pertença. São momentos de crescimento no espírito de família e de gratidão (Peregrinação ao Santuário de Maria Auxiliadora em Mogofores, Santidade Juvenil, Festa da Imaculada, de São João Bosco, Jogos Nacionais Salesianos, Peregrinação Nacional ao Santuário de Fátima, Festa de Maria Auxiliadora...).

6.3. Formação e atualização pastoral

A formação e a atualização dos membros da Comunidade Educativa-Pastoral como agentes educativo-pastorais é uma grande oportunidade para toda a instituição educativa e para quem nela trabalha.

Destacamos aqui as chaves para o Plano de Formação a ser concretizado pelas Escolas Salesianas, em articulação com o Centro de Formação Salesianos:

Âmbito do desenvolvimento pessoal;

Âmbito pedagógico-profissional;

Âmbito da identidade carismática salesiana;

Âmbito da experiência espiritual cristã.



P.05	1. Pátio		
P.07	2. A Escola Salesiana - impressão digital		
	2.1. Plataforma de Evangelização que educa evangelizando e evangeliza educando		
	2.2. Plataforma de Evangelização que atualiza e aprofunda o Sistema Preventivo de D. Bosco		
P.11	3. O Projeto Educativo-Pastoral		
	3.1. Antropologia Cristã como forma de entender o ser humano		
	Dimensão da educação à fé		
	Dimensão educativa-cultural		
	Dimensão da experiência associativa		
	Dimensão vocacional		
	3.2. A Pessoa que estamos a descobrir		
	3.3. A viagem das crianças em 4x4! O sentido literal da palavra pedagogia		
	3.4. Chaves Educativas-Pastorais expressamente evangelizadoras		
	3.5. Chaves Psicopedagógicas:		
	- Amor Educativo		
	- Aprendizagem multi-sensorial		
	- Estimulação precoce		
	- Aprendizagem significativa		
	- Personalização dos processos		
P.25	4. Princípios de Aprendizagem que inspiram o desenvolvimento dos nossos ambientes de aprendizagem		
	- Os alunos no centro da aprendizagem		
	- A natureza social da aprendizagem		
	- As emoções são essenciais para a aprendizagem		
	- Reconhecer as diferenças individuais		
	- Incluir todos os alunos		
	- Avaliação para a aprendizagem		
	- Construir conexões horizontais		
P.29	5. O modelo pedagógico		
	5.1. Anatomia e fisiologia do modelo		
	5.2. Criação de ambientes potentes de vida e de aprendizagem		
	5.3. Metodologias ativas e diversas		
	- Cultura de pensamento		
	- Aprendizagem cooperativa		
	- Aprendizagem baseada na descoberta		
	- Aprendizagem-Serviço		
	5.4. Integração tecnológica e em rede		
	5.5. Avaliação para a aprendizagem		
	5.6. Ambiente personalizado e inclusivo		
	- Acompanhamento pessoal e comunitário		
	- Pátio e os “novos pátios” como lugares educativos		
P.51	6. Comunidade Educativa-Pastoral		
	6.1. Estruturas de Animação		
	6.2. Tempos de intervenção mais significativos		
	6.3. Formação e atualização pastoral		



A Educação
é assunto do **Coração**

FUNDAÇÃO SALESIANOS

Título

A Educação é assunto do Coração
Proposta Educativa da Escola Salesiana

Autores

Marco Dias da Silva (**Coordenação**)

Álvaro Pinto do Lago

Artur Guilhermino Pereira

José Aníbal Mendonça

José Moraes

Maria Helena Revez

Orlando Jacinto Camacho

Sandra Ribeiro

Susana Marques da Cunha

Tarcizio Moraes

Editor

Fundação Salesianos

Ilustração, Design e Paginação

Lustru [Design & Illustration]

Data

Julho de 2022





Fundação
SALESIANOS

Praça S. João Bosco, 34, 1399-007 Lisboa

Tel: 210 900 500

Fax: 210 900 671

Fundacao@salesianos.pt

www.fundacao.salesianos.pt